



Universidades Lusíada

Calado, Mariano

Testemunhos : Sophia de Mello Breyner Andresen

<http://hdl.handle.net/11067/4216>

Metadados

Data de Publicação	2004
Palavras Chave	Andersen, Sophia de Mello Breyner, 1919-2004 - Crítica e interpretação, Poetas portugueses
Tipo	article
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 29 (2004)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T07:55:32Z com
informação proveniente do Repositório

TESTEMUNHOS

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Mariano CALADO *

A Sophia de Mello Breyner Andresen que eu conheci

Sophia é a Poesia. É o golpe de asa que nos enche a alma sedenta de mais longe. É o pensamento moldado em arte, num à-vontade de quem respira. É a fonte criadora de um imaginário real e comovente. É um perfume saudável de maresia. É um corajoso rasgar dos nevoeiros da dúvida com as mãos cheias de sol e sonho.

Sophia canta em versos que são esperança e coragem para quem a lê. Os seus versos são recortados em alvoradas de um dia diferente, onde se descortina a visão de um sol com luz para toda a gente. A liberdade canta nas mãos da poetisa, solta-se, como gaivota, nos seus livros de poemas (*Poesia I, Dia do Mar, Coral, No Tempo Dividido, Mar Novo, O Cristo Cigano, Livro Sexto, Geografia, Dual, O Nome das Coisas, Navegações, Ilhas, Musa e O Búzio de Cós e Outros Poemas*), mas igualmente, com força e simplicidade, na prosa dos seus *Contos Exemplares e nas Histórias da Terra e do Mar* e ainda nos seus deliciosos livros para crianças (*A Menina do Mar, A Fada Oriana, O Cavaleiro da Dinamarca, O Rapaz de Bronze*).

Aliás, por tal obra, Sophia foi, entre outras distinções, galardoada com o Prémio Camões (1999), o Prémio de Poesia Max Jacob (2001) e o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana (2003).

Mas porque outros o fizeram já, não é sobre a sua obra de poeta e prosadora que desejaria debruçar-me, mas sim sobre a faceta, que eu conheci, da Sophia cidadã empenhada no desenvolvimento do seu país, inteligência alevantada no culto do respeito e da liberdade. Faceta que, no entanto, é impossível separar da sua produção literária.

* Ex-docente do ISSSL, licenciado em Psicologia Social e Mestre em História Regional e Local.

Porque

*O poema é
A liberdade*¹

*Abre a porta e caminha
Cá fora
Na nitidez salina do real*²

Não tive o privilégio de conviver muito de perto com Sophia de Mello Breyner Andresen. Mas, com Sophia, tive, de facto, o prazer de uma aproximação particular. Do tempo em que, nesta terra que é a nossa, éramos alheios a quem, os que nela governavam, tentavam impor a mordada do silêncio. Porque, com Sophia, tive o privilégio de subscrever, que me lembre, pelo menos três manifestos, três documentos em que, face ao despotismo e à arrogância do poder de então, vários de nós, ligados pela circunstância de ser católicos e afrontando com todos os obstáculos facilmente imagináveis num regime onde a censura era pão nosso de cada dia, tomaram a iniciativa de publicitar o que pensavam e lhes não permitiam que livremente dissessem, arrostando, é bem de ver, com a perseguição (e, porventura, a prisão), do poder político.

E assim, em Fevereiro de 1959, subscrevemos, com mais quarenta e um companheiros, um documento chamando a atenção para «*As relações entre a Igreja e o Estado e a liberdade dos Católicos*», relações que se pavoneavam distorcidas e falseadas, interesseiramente hipócritas. Nos princípios de Março seguinte, é escrita e divulgada, arrostando, de novo, a forte repressão policial, uma «*Carta a Salazar sobre os serviços de repressão do regime*», denunciando as perseguições e as sevícias da polícia política. E, mais uma vez, tive o privilégio de, com mais quarenta e três companheiros, subscrever tal documento ao lado de Sophia. A única resposta que os seus subscritores obtiveram foi, como escreveu mais tarde o Padre Felicidade Alves, «um processo-crime, de que foram depois amnistiados, embora continuassem a ser muitos deles perseguidos política e economicamente».

¹ O Nome das Coisas.

² Musa.

Eram esses uns tempos conturbados, tempos em que, poucos dias após a divulgação daqueles documentos, se dá a chamada «revolta da Sé» na qual estiveram envolvidos alguns dos seus subscritores, que então (eu incluído) foram presos.

Foi quando explodiu um renovar de consciências, um novo despertar para a realidade. Sophia, alma aberta para as inquietações que a todos nos dilaceravam, sofredora e comovida, dá-se a continuar a luta através dos seus versos, onde a coragem grava iniludíveis pegadas de esperança:

*Nunca choraremos bastante quando vemos
O gesto criador ser impedido
Nunca choraremos bastante quando vemos
Que quem ousa lutar é destruído
Por troças por insídias por venenos
E por outras maneiras que sabemos
Tão sábias tão subtis e tão peritas
Que não podem sequer ser bem descritas*³

Ou também:

*Quando a pátria que temos não a temos
Perdida por silêncio e por renúncia
Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como grades*⁴

Eram tempos difíceis. Tempos de convulsão. Tempos do aparecimento da candidatura oposicionista do General Humberto Delgado à Presidência da República, acontecimento perturbador da paz corrupta do seguidismo farisaico da União Nacional. Tempos de discurso de Salazar em que, auto-proclamado católico num país dito católico, sustentava veladas ameaças à Igreja.

O velho abutre é sábio e alisa as suas penas

³ Livro Sexto.

⁴ Idem.

*A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas*⁵

Eram tempos do aparecimento da corajosa carta de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, pondo o dedo na chaga do absolutismo e farisaísmo governamental e que, por isso mesmo, terá pago tal gesto com um forçado exílio de dez anos. Mas eram também tempos de esperança ao redor da figura extraordinária do Papa João XXIII e do anúncio do renovador Concílio Vaticano II.

*Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer
[a verdade toda]*⁶

E Sophia encontra-se e reencontra-se na luta pela justiça e pelo respeito devido aos cidadãos:

*Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo*⁷

Aliás, com o processo de renovação anunciado e com a substituição do Latim pelo Português nos textos litúrgicos, por impulso daquele Concílio, tive ainda o privilégio de participar num trabalho comum com Sophia, ao ser convidado a integrar um dos vários grupos de estudo entretanto constituídos e no qual ela era uma das figuras mais notáveis.

Tempos que continuavam de luta, com o dolorosamente sentido falecimento, em 1963, de João XXIII e o cobarde assassinato de Humberto Delgado, em 1965.

E Sophia continuava, para nós, como uma referência:

⁵ Cem Poemas de Sophia, Introd. de José Carlos de Vasconcelos.

⁶ O Nome das Coisas.

⁷ Geografia.

*Este é o tempo
Da selva mais obscura*

*Até o ar azul se tornou grades
E a luz do sol se tornou impura*

*Esta é a noite
Densa de chacais
Pesada de amargura⁸*

Mas, ainda mais:

*Tempo de solidão e de incerteza
Tempo de medo e tempo de traição
Tempo de injustiça e de vileza
Tempo de negação*

*Tempo de covardia e tempo de ira
Tempo de mascarada e de mentira
Tempo que mata quem o denuncia
Tempo de escravidão*

*Tempo de coniventes sem cadastro
Tempo de silêncio e de mordança
Tempo onde o sangue não tem rastro
Tempo de ameaça⁹*

Ainda em 1965, em Outubro, foi redigido e divulgado, afrontando mais uma vez a censura e a perseguição policial, um outro documento, mais exaustivo, que ficaria conhecido pelo «Manifesto dos 101», que tantos foram os seus subscritores. Sophia lá estava. Lutadora, com a esperança renovada num dia que tardava.

⁸ Mar Novo

⁹ Livro Sexto

Até que, em 1974, numa madrugada de Abril, Sophia, cidadã consciente e solidária, sofredora e liberta de esperar, reencontra o prazer de cantar, de espalhar a sua alegria e a sua certeza de liberdade e de justiça pelas dunas da sua praia de sonho, pelas ondas do seu mar de querer:

*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*¹⁰

Com Sophia de Mello Breyner Andresen, referência de uma geração, aprendemos a sonhar e a saber que, para além dos nevoeiros da dúvida, há uma madrugada de certeza. Há uma alvorada de esperança.

O que é preciso é saber, com simplicidade e com a generosidade de quem ama, que não se rasgam nevoeiros sem termos o sol na mão.

¹⁰ O Nome das Coisas.